

## DISSIDÊNCIA EM SEXUALIDADE: COMPREENDENDO RESISTÊNCIAS NO ESPAÇO ESCOLAR

Leonardo Ferreira de Melo farah Montenegro <sup>1</sup>  
Ana Júlia Felícia de Souza Reis <sup>2</sup>  
Antonio Marlon Coutinho Barros <sup>3</sup>  
Priscila Barros de Freitas <sup>4</sup>  
Maria Beatriz Gonçalves Leite <sup>5</sup>  
Luciana Lobo Miranda <sup>6</sup>

### RESUMO

O presente trabalho é um relato de experiência baseado em diários de campo oriundos de visitas semanais a uma escola pública de Fortaleza, de oficinas e de debates com dois estudantes secundaristas bolsistas PIBIC-EM da instituição lócus da pesquisa. Este trabalho tem como norte a compreensão das diferentes resistências dentro da escola quando se é dissidente em sexualidade, isto é, com uma sexualidade divergente da norma instituída socialmente. Como método, utilizamos da Pesquisa-Intervenção, visto que esta surge como uma abordagem adequada, pois reconhece o pesquisador enquanto sujeito que também intervém sobre a realidade pesquisada, fazendo, assim, com que o pesquisador assuma um lugar de não neutralidade no processo de construção da pesquisa. Nesse contexto, o diário de campo se apresenta como uma ferramenta essencial à compreensão da pesquisa, visto que o registro das percepções do pesquisador passa a ser analisado como uma extensão do campo. Como objetivos do presente trabalho pretende-se compreender a percepção dos estudantes acerca das questões relacionadas à sexualidade e/ou ao gênero, além de mapear as percepções dos estudantes de como a escola é um espaço seguro e acolhe as demandas relacionadas à sexualidade e/ou gênero ou não. Como um dos resultados encontrados, podemos afirmar que os jovens pesquisadores do cotidiano escolar, estudantes secundaristas PIBIC-EM, relatam situações recorrentes no espaço escolar que demonstram que a escola pode vir a ser um lugar de repressão de estudantes dissidentes em sexualidade. Essas situações agem em detrimento da promoção das escolas como um ambiente de acolhimento, portanto compreender tal cenário torna-se fundamental para fazer do espaço escolar um local cada vez mais confortável para os alunos. Por fim, tais temáticas mostram-se relevantes para a Psicologia no que tange os estudos e aprofundamentos de questões ligadas a gênero e sexualidade dentro do âmbito escolar.

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará - UFC, leomelofarah@gmail.com

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará - UFC, ana.julia.felicia@gmail.com

<sup>3</sup> Doutorando pelo Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará - UFC, marloncoutinho@gmail.com;

<sup>4</sup> Doutoranda pelo Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará - UFC, priscilabfeduacao@gmail.com;

<sup>5</sup> Graduanda pelo Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará- UFC, mariabeatrizgleite@gmail.com

<sup>6</sup> Professor orientador: Professora Doutora pelo Curso de Psicologia, Universidade Federal do Ceará - UFC, luciana.miranda@ufc.br.

**Palavras-chave:** Escola, Gênero, Resistência, Sexualidade.

## INTRODUÇÃO

Falar de sexualidade dentro de espaço escolar é agir em detrimento de uma lógica cis-heteronormativa que é mantida pelas diversas relações de poder. De início, cabe analisar a sexualidade como uma invenção histórica (Louro, 2018), como uma lógica imposta detentora de uma só verdade, de um padrão a ser seguido. Tal invenção histórica originada na ascensão burguesa durante a Idade Média atravessa, na hodiernidade, os diversos corpos que fogem desta norma, estabelecendo regras intangíveis sob a ótica social. Isso torna-se claro quando Foucault (1976) fala que “O casal legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma” (p.9).

A partir disso, entendemos a sexualidade como uma invenção histórica que torna-se vigiada, punida, controlada, silenciada. Como algo que é confiscado pelos detentores da norma (Foucault, 1976) e proibido de ser debatido e explorado.

É nesse contexto que a pluralidade dos sujeitos são minimizadas a um caráter binário de masculino e feminino ou de homem e mulher. Para além dessa imposição conceitual e nominária, o gênero torna-se performático (Butler, 2018). Assim, nomear não é mais suficiente. O sujeito deve-se provar parte da norma, agir de acordo com o viés performático que lhe é atribuído, uma vez que são práticas repetidas e reforçadas socialmente que atribuem o caráter do gênero ao próprio gênero. Pode-se afirmar, assim, que o gênero é modulado pelas relações de poder que o cercam (Butler, 2020).

Os gêneros e as sexualidades dissidentes são vistos, portanto, como fenômenos perversos e errôneos.

A partir desse cenário, levando em consideração que a escola é um ambiente formador de subjetividades e, para além disso, um local que impõe disciplina e hierarquia (Foucault, 1977), ela, muitas vezes, age como uma reprodutora dos fenômenos sociais que estão para fora de suas paredes. Ademais, o espaço escolar não se restringe a esse viés institucional, sendo, também, local de trocas culturais, geracionais, marcadas por um contexto territorial, social, econômico e habitacional (Prata, 2006).

“Ter que esconder quem você é, por incrível que pareça um dos cantos onde isso mais acontece é na escola, seja por medo de ser motivo de chacota, insegurança, repressão da sexualidade ou até mesmo um período de

descoberta, a escola influencia nesse processo de mil maneiras possíveis sendo bom ou ruim.” - Trecho de diário de campo.

A partir desse trecho do diário de campo, percebe-se a relevância de tais discussões no ambiente escolar.

Percebe-se, então, uma dicotomia no espaço escolar, que atua, por um lado, como um ambiente de viés institucionalizante, clamando performances conservadoras que visam a privar viveres, mas que, por outro lado, age como um local de descobertas, de contatos e de curiosidades diante das diversas trocas de saberes e de fazeres, abrindo, assim, diversas possibilidades de (re)existir. Tal sentido ambíguo a resistência age em consonância com o que é percebido dentro das escolas: a busca de afirmar, clamar, buscar uma existência que é, muitas vezes, ofuscada, entrando em um grande confronto de poderes.

Diante desse viés, o seguinte texto visa debater uma pesquisa realizada em uma escola pública de ensino médio regular no município de Fortaleza, buscando debater sobre as diferentes formas de resistência de jovens dissidentes em sexualidade e em gênero, objetivando compreender como os estudantes percebem a escola e a si mesmos quando analisados sob o prisma das questões de gênero e sexualidade.

## **METODOLOGIA**

Este estudo, fruto de um projeto de mestrado<sup>7</sup>, foi realizado em uma escola pública de Ensino Médio na cidade de Fortaleza, Ceará, com cerca de 2000 alunos, com 8 turmas de 1º, 2º e 3º ano cada. Participaram da pesquisa 3 graduandos de Psicologia pela UFC, 1 mestrando em Psicologia pela UFC e 2 bolsistas PIBIC-EM (um remunerado e um voluntário), que eram estudantes secundaristas da escola.

A pesquisa foi dividida em dois momentos: um grupo formativo, que se deu no segundo semestre de 2023, baseado na construção de uma noção teórica da metodologia do pesquisar utilizada junto aos bolsistas PIBIC-EM, e um grupo de debates, que se deu no primeiro semestre de 2024, aberto ao público estudantil da escola. Ambos os momentos ocorriam semanalmente com duração de 2h por encontro.

---

<sup>7</sup> O presente trabalho é fruto de uma pesquisa de mestrado vinculado ao Departamento de Psicologia Universidade Federal do Ceará, ligado ao Projeto de Extensão É Da Nossa Escola Que Falamos e ao Laboratório em Psicologia, Sociedade e Subjetividade (LAPSUS), coordenado pela Professora Doutora Luciana Lobo Miranda.

Esta escrita aprofunda de maneira mais objetiva o segundo momento da pesquisa, que abrange o grupo de debates, no qual foi construído e formulado pelos pesquisadores de maneira coletiva. Este grupo, intitulado “Grupo de Discussões e Oficinas sobre Formas de Resistências de Jovens Dissidentes em Sexualidade (pessoas LGBTQIAPN+) na Tessitura Escolar, foi construído por todos os participantes da pesquisa e contou com 4 encontros, os quais abordaram temas que permeavam as diferentes formas de expressão de identidade, interseccionalidade e sexualidade e as redes de apoio dentro da escola, buscando compreender os diferentes modos de (re)existir sendo um jovem dissidente em sexualidade dentro do contexto escolar.

A pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética e os alunos participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para menores (TCLE), assinado pelos responsáveis, e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), assinado pelos participantes.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Como lente teórico-metodológica, adotamos a Pesquisa-Intervenção (PI), uma vez que, a partir dela, é entendido que não deve haver um viés de neutralidade do pesquisador (LOURAU, 2004; PAULON 2005; KASTRUP, 2007), levando em consideração nossas vivências e experiências que atravessam e/ou são atravessadas pela temática (LOURAU, 2004) e, assim, buscando a construção de saberes em coletivo.

A partir da construção desse saber em coletivo, buscamos democratizar o acesso à pesquisa, uma vez que construímos diversas percepções dos fenômenos analisados. Utilizamos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - Ensino Médio (PIBIC-EM) como forma de termos esse olhar multifacetado para os fenômenos presentes em campo. Assim, podemos pesquisar COM os estudantes e COM a escola, não sobre eles, sendo eles co-pesquisadores de seu cotidiano. Essa perspectiva de equidade no pesquisar traz à tona uma percepção vinda de diferentes locais e corpos sobre um mesmo fenômeno.

Durante a pesquisa, assim como proposto por Medrado, Spink e Mélo (2014), também foi utilizado o diário de campo como uma ferramenta de análise e de extensão do campo, visto que eles atuam como uma ferramenta do pesquisar carregada de afetos, de percepções e de vínculos construídos dentro de campo. Todos os pesquisadores realizaram diários de campo dos encontros, tanto dos formativos quanto dos grupos de

discussões, possibilitando análises e percepções dos atravessamentos da temática pesquisada de maneira individual e coletiva. A maneira nas quais os diários eram produzidos eram livres para cada pesquisador, podendo ser expostas por meio de desenhos, textos corridos, poesias, fotos, entre outros, buscando representar e materializar os afetos criados e percebidos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos grupos de formação com os bolsistas PIBIC-EM e das rodas de discussão abertas ao público escolar, algumas questões referentes à temática da sexualidade dentro da escola vieram à tona.

De início, cabe mencionar a adesão dos alunos à pesquisa. Inicialmente, objetivava-se realizar a roda de debates somente com alunos secundaristas, todavia, diante de uma baixa procura dos alunos no que diz respeito à inscrição para tais debates, abrangeu-se todo o Ensino Médio. Mesmo com um público maior disponível, a demanda ainda parece insatisfatória aos pesquisadores. Uma escola com mais de 2000 alunos de Ensino Médio ter menos de 10 inscritos para uma oficina de debates sobre sexualidade é, de alguma forma, um analisador no que tange à maneira com que a sexualidade é abordada dentro da escola pela comunidade escolar como um todo. O motivo dessa baixa adesão estudantil foi de tamanha inquietação para os pesquisadores, uma vez que a escola em questão sempre demonstrou uma preocupação e um engajamento político e social.

“Antes de haver o encontro na primeira quarta-feira de abril, estava um tanto quanto preocupado com o desempenho do curso. Primeiro devido à surpreendente falta de adesão dos alunos da escola, que costuma ser bem engajada e politizada. Passamos em salas duas vezes, conseguimos arranjar almoços, mas mesmo assim o número de participantes interessados foi muito reduzido quando comparado às nossas expectativas.” - Trecho diário de campo Felipe referente ao dia 03/04/2024.

A partir disso, conforme o círculo de debates foi acontecendo, a quantidade de alunos participantes aumentou cada vez mais, o que trouxe à tona uma inquietação referente ao motivo de, no início, não haver uma adesão dos alunos e, conforme iam acontecendo os encontros, isso fosse mudando. Algumas falas dos participantes dos círculo de debates mencionaram questionamentos de outros estudantes sobre a real necessidade de debater a temática de gênero e de sexualidade, como se não fosse relevante o suficiente. Tal questionamento acaba por atravessar o debate referente à

sexualidade e a maneira na qual ele vem à tona para pessoas dissidentes e para pessoas cisheterossexuais. O que torna esse diálogo relevante? Para quem ele é relevante? Percebe-se, então, um posicionamento de privilégio de quem dita a norma, de quem não se mostra dissidente dela, uma vez que o casal legítimo e procriador, segundo Foucault (1976), “impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio” (p.9).

No seguinte trecho do diário de campo de um dos pesquisadores, percebe-se uma fala de uma integrante do círculo de debate que traz à tona esse questionamento de um colega de sala por achar que tais momentos não são de tanta relevância, reforçando esse local de privilégio.

“Ela fez questionamentos em suas falas que eu também fiz nas semanas passadas, ela disse que achava estranho que uma escola com tantos estudantes poucos tenham se interessado neste grupo. Ela também relatou que um amigo dela a questionou por que ela iria se inscrever e ela afirmou que iria se inscrever visto que era importante falar sobre isso (gênero e sexualidade) na escola.” - Trecho diário de campo Igor referente ao dia 03/04/2024.

Tal fala dá a entender a percepção da relevância do debate sobre as questões que atravessam a comunidade LGBTQ+ pelas próprias pessoas LGBTQ+, mas como isso é percebido por pessoas cisheteros?

Todavia, para além de um espaço que, muitas vezes, não fomenta um diálogo sobre as questões de gênero e de sexualidade, durante os encontros, a escola apareceu como local de acolhimento e de apoio. No terceiro encontro do círculo de discussão, foi levantada a temática referente à rede de apoio dentro da escola e de como a gestão, a docência e os próprios estudantes abraçam e podem abraçar esse papel de apoio para algumas questões que atravessam indivíduos.

“Algo que me chamou atenção foi que quando estávamos falando sofrer violência física, \*\*\* se emocionou muito ao falar em como a escola era espaço que lhe acolheu e ajudou num momento de vulnerabilidade, destacando sempre como não tinha do que reclamar sobre a coordenação...” - Diário de campo Catarina referente ao dia 17/04/2024

Assim, diante de uma lógica de aprendizado permeada de jogos de poderes e de hierarquizações que atravessam uma cultura do empreendedorismo (Gadelha, 2020), a qual suprime causas e fenômenos sociais em prol de um sucesso capital, ser rede de apoio dentro de uma instituição torna-se de fundamental importância para a segurança individual e coletiva dos sujeitos que lá habitam, especialmente os que dissidem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em conta que os territórios escolares atuam como formadores dos processos de subjetivação dos indivíduos, torna-se imprescindível o debate sobre questões que atravessam estudantes, como as temáticas de gênero e de sexualidade.

Além disso, a horizontalidade do pesquisar e do saber age em consonância de um diálogo que busca pela equidade e pela troca de experiências a fim de compreender os fenômenos que atravessam o ambiente escolar. A partir do PIBIC-EM, que atuou como ferramenta metodológica desta pesquisa, alicerçando a Pesquisa-Intervenção, pode-se realizar trocas de afetos e de inquietações que permearam não só o campo de maneira coletiva, mas também de maneira individual.

Realizaram-se encontros formativos com os pesquisadores buscando trazer à tona uma noção coletiva do pesquisar, e, posteriormente, a promoção de um grupo de debates, objetivando refletir sobre questões que atravessam e são atravessadas pela sexualidade no contexto escolar.

A partir disso, análises referentes à adesão às rodas de conversas, assim como o levantamento de temáticas específicas dentro dos grupos, que eram carregadas de relatos de experiências dos indivíduos acerca das suas vivências como estudantes LGBT+ tornaram a percepção sobre os entrelaçamentos entre escola, gênero e sexualidade muito mais palpáveis.

A dicotomia do espaço escolar também foi objeto de análise durante essa pesquisa, uma vez que ela age simultaneamente como um espaço de acolhimento e um local de manutenção de poderes.

Sendo assim, o presente trabalho, buscou, através do processo de construção de uma Pesquisa-Intervenção compreender as relações de poder que se constituem no espaço escolar através de reflexões de como os estudantes observam as questões de gênero e sexualidade em seu cotidiano, garantindo possibilidades de, através dos dispositivos utilizados, fazer ver e fazer falar tais sujeitos.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: **Editora José Olympio**, 2018.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"**. São Paulo: n-1 edições, 2020.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: **Edições Graal**, 1997.

GADELHA, S.; BESERRA, B.; MOTA, T. **Biopolítica, tecnocultura e educação**. 2021.

LOURAU, René. **René Lourau na UERJ – Análise Institucional e Práticas de Pesquisa**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1993.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MEDRADO, B., SPINK, M. J.; MÉLLO, R. P. Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. In: SPINK, M. J. P., BRIGAGÃO, J. I. M., NASCIMENTO, V. L. V. & CORDEIRO, M. P. (Org.) **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, p. 274-294. 2014.

PAULON, S. M. A análise de implicação como ferramenta na pesquisa-intervenção. **Psicologia & Sociedade**, v. 17, n. 3, p. 18–25, 2005.

PRATA, Maria Regina dos Santos. A produção da subjetividade e as relações de poder na escola: uma reflexão sobre a sociedade disciplinar na configuração social da atualidade. **Revista Brasileira de Educação**, p. 108–115, 2005.